«OS TRÊS CONSELHOS», de Teófilo Braga

Um pobre rapaz tinha casado, e para arranjar a sua vida, logo ao fim do primeiro ano teve de ir

servir uns patrões muito longe. Ele era assim bom homem, e pediu ao amo que lhe fosse

guardando na mão o dinheiro das soldadas. Ao fim de uns quatro anos já tinha um par de

moedas, que lhe chegava para comprar um eidico, e quis voltar para casa. O patrão disse-lhe:

– Qual queres, três bons conselhos que te hão-de servir para toda a vida, ou o teu dinheiro?

– Ele, o dinheiro é sangue, como diz o outro.

– Mas podem roubar-to pelo caminho e matarem-te.

– Pois então venham de lá os conselhos.

Disse-lhe o patrão:

– O primeiro conselho que te dou é que nunca te metas por atalho, podendo andar pela estrada

real.

– Cá me fica para meu governo.

– O segundo, é que nunca pernoites em casa de homem velho casado com mulher nova.

Agora o terceiro vem a ser: nunca te decidas pelas primeiras aparências.

O rapaz guardou na memória os três conselhos, que representavam todas as suas soldadas; e

quando se ia embora, a dona da casa deu-lhe um bolo para o caminho, se tivesse fome; mas

que era melhor comê-lo em casa com a mulher, quando lá chegasse. Partiu o homenzinho do

Senhor, e encontrou-se na estrada com uns almocreves que levavam uns machos com

fazendas; foram-se acompanhando e contando a sua vida, e chegando lá a um ponto da

estrada, disse um almocreve que cortava ali por uns atalhos, porque poupava meia hora de

caminho. O rapaz foi batendo pela estrada real, e quando ia chegando a um povoado, viu vir o

almocreve todo esbaforido sem os machos; tinham-no roubado e espancado na quelha. Disse

o moço:

– Já me valeu o primeiro conselho.

Seguiu o seu caminho, e chegou já de noite a uma venda, onde foi beber uma pinga, e onde

tencionava pernoitar; mas quando viu o taverneiro já homem entrado, e a mulher ainda

frescalhuda, pagou e foi andando sempre, Quando chegou à vila, ia lá um reboliço; era que a

Justiça andava em busca de um assassino que tinha fugido com a mulher do taverneiro que

fora morto naquela noite. Disse o rapaz lá consigo:

– Bem empregado dinheiro o que me levou o patrão por este conselho.

E picou o passo, para ainda naquele dia chegar a casa. E lá chegou; quando se ia

aproximando da porta, viu dentro de casa um homem, sentado ao lume com a sua mulher! A

sua primeira ideia foi ir matar logo ali a ambos. Lembrou-se do conselho, e curtiu consigo a sua

dor, e entrou muito fresco pela poria dentro. A mulher veio abraçá-lo, e disse:

– Aqui está meu irmão, que chegou hoje mesmo do Brasil. Que dia! E tu também ao fim de

quatro anos!

Abraçaram-se todos muito contentes, e quando foi a ceia para a mesa, o marido vai a partir o

bolo, e aparece-lhe dentro todo o dinheiro das suas soldadas. E por isso diz o outro, ainda há

quem faça bem.

Teófilo Braga, Contos Tradicionais do Povo Português, 1883

1. Completa as frases que faltam de acordo com o sentido do texto.
2. O rapaz casou e teve de arranjar a sua via.
3. Foi servir uns patrões muito longe.
4. Amealhou as suas soldadas.
5. Quis voltar para casa.
6. O patrão perguntou se o rapaz queria o seu dinheiro ou as suas soldadas.
7. Deu-lhe três conselhos.
8. O rapaz superou três provas.
9. O rapaz chegou a casa.
10. Completa o texto seguinte com as palavras em falta.

O rapaz amealhou o dinheiro que recebia do patrão e ao fim de quatro anos já ele seguia de novo para casa. Ao chegar a casa, (ele) viu que as suas soldadas estavam dentro de um bolo que tinha sido servido.